



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM CULTURA E SOCIEDADE**

**MARIA JUNÊ GIRARDI**

**CULTURA E TURISMO: O ROTEIRO TURÍSTICO NO CENTRO  
HISTÓRICO DE SALVADOR, O PELOURINHO.**

**Salvador**

**2007**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM CULTURA E SOCIEDADE**

**MARIA JUNÊ GIRARDI**

**CULTURA E TURISMO: O ROTEIRO TURÍSTICO NO CENTRO  
HISTÓRICO DE SALVADOR, O PELOURINHO.**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Faculdade de Comunicação como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof. <sup>a</sup> Dra. Simone Terezinha Bortoliero.

**Salvador  
2007**

Sistema de Bibliotecas - UFBA

G521 Girardi, Maria Junê.

Cultura e turismo: o roteiro turístico no Centro Histórico de Salvador: o Pelourinho / Maria Junê Girardi. – Salvador, 2007.

230 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, 2007

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone Terezinha Bortoliero.

1. Cultura e Turismo - Pelourinho (Salvador, Bahia). 2. Turismo - Planejamento - Pelourinho (Salvador, Bahia). 3. Turismo - Desenvolvimento Sustentável – Pelourinho (Salvador, Bahia). 4. História. I. Bortoliero, Simone Terezinha. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. III. Título.

CDU - 379.85

CDD - 306.4819

**MARIA JUNÊ GIRARDI**

**CULTURA E TURISMO: O ROTEIRO TURÍSTICO NO CENTRO HISTÓRICO DE  
SALVADOR, O PELOURINHO**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção de Mestre em Comunicação,  
Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone Terezinha Bortoliero  
Doutora em Comunicação  
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. José Alexandre Souza Menezes  
Doutor em Economia  
Universidade Federal da Bahia

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria de Lourdes Netto Simões  
Universidade Estadual de Santa Cruz

Salvador, 23 de Outubro de 2007.

Dedico este trabalho:

Aos meus queridos pais Natal Girardi in memoriam e Laurinda Michels Girardi, pela formação e dignidade.

Aos meus avós paternos in memoriam Luiz Girardi e Joana Furlan e maternos in memoriam Estevão Michels e Anna Esser, pelo exemplo de fé e perseverança no trabalho e na família.

Aos meus irmãos Moacir, Júlia, Cláudia e, a minha cunhada Rosângela, pelo apoio, carinho e incentivo em alcançarmos juntos mais este objetivo.

As meus queridos sobrinhos Alexandre, Raquel, Fernando, Yulli e a sobrinha-neta Lunna, por existirem e, nos darem a agradável sensação de pertencimento familiar.

Às fiéis amigas dos bancos escolares Helena Terezinha do Amaral Gomes e Martha Kayser, pela solidariedade e apoio moral ao longo de todos esses anos, apesar da distância.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida que me concedeu, pelas forças que surgem em momentos de desânimo, por me manter na fé cristã. Agradeço ao Espírito Santo pela presença de luz em minhas atitudes cotidianas, encorajando-me diante dos desafios e, pelos sinais de apoio que tenho recebido e, que me dão vitalidade, determinação e dignidade. Agradeço a Jesus, todo esse conjunto de oportunidade que o saber proporciona e, também a crença que a resignação e a humildade são virtudes que ampliam as oportunidades para se viver em paz.

Agradeço à Professora Dra. Simone Bortoliero pela ética e grandeza de suas atitudes como mestre, não medindo esforços para me orientar na construção em todos os momentos do processo de pesquisa e, pelos incentivos para vencer os desafios até chegar aos resultados obtidos.

Agradeço ao Professor Dr. Alexandre Menezes, que se dispôs a refletir e discutir alguns pontos do conteúdo que deveriam ser revistos, tornando-se um importante apoiador do processo de construção dessa investigação tendo participado da primeira banca de qualificação e da banca de defesa da Dissertação.

Agradeço à Professora Dra. Rita Maia pelo pronto acolhimento em participar da primeira banca de qualificação e, por todas as observações e críticas realizadas.

Agradeço a Professora Dra. Maria de Lourdes Netto Simões por ter aceito participar da banca de defesa de minha Dissertação tendo me apresentado com seu parecer crítico bastante detalhado. Agradeço aos Professores Dr. Roberio Marcelo Rodrigues Ribeiro e a Dra. Ana Jatobá que colaboraram comigo participando da segunda banca de qualificação realizando críticas muito importantes. Agradeço a todos os professores do Programa e, em especial daqueles que fui discente neste e, nos demais departamentos da UFBA, tendo sido muito beneficiada com preleções brilhantes e, com o acesso a uma excelente seleção de textos constante nos programas e, fundamentais para a abertura de novos horizontes.

Agradeço ao corpo funcional da UNEF- Faculdade Ensino Superior de Feira de Santana, ao Prof. Newton Oliveira - Diretor; Sidineide Silva-Coordenadora de Administração; Antoniella

Devanier-Coordenadora de Comunicação e demais colegas e, em especial os alunos do Curso de Turismo pelos desafios, incentivo e apoio na minha atividade docente e de Coordenação de Curso.

Agradeço ao Dr. Paulo Gaudenzi – Secretário de Turismo do Estado da Bahia e ao Dr. Júlio Braga - Diretor do IPAC pela receptividade que souberam imprimir ao nosso trabalho e, pela confiança em conceder a entrevista.

Agradeço a Pedro Costa – Presidente da ABAV- BA e da Alameda Turismo por todo o apoio recebido, pela compreensão e confiança da entrevista e, a equipe da Alameda Turismo pelo acolhimento e o espaço para investigação dos roteiros.

Agradeço a Julimar Rodrigues - Diretora da Privêtur; Rafael Iniesta - Diretor da Iberoservice pela confiança das entrevistas e pronta colaboração das suas equipes de trabalho de observação participativa do roteiros.

Agradeço a Clarindo Silva, líder comunitário do CHS e gestor da Cantina da Lua; Marcos Libâneo Presidente da ACOPELÔ - Associação dos Comerciantes do Pelourinho; Walson Botelho – Diretor do Balé Folclórico da Bahia; Cristina Baungartem – Presidente do SINGTUR- Sindicato dos Guias de Turismo do Estado da Bahia; Arthur Régis - Diretor AfroBahia; Jorge Kalili - Presidente da Associação dos Guias e Condutores do Centro Histórico de Salvador; Marilton Austraciano Santos Silva - Vice Presidente da AVAP- Associação dos Vendedores Ambulantes do Pelourinho; Jorge Geraldo Rosário - Presidente do Conselho de Segurança do Centro Histórico do Salvador; Sérgio Ornelas - Operacional da Alameda Turismo; Conor O´ Sullivan - Diretor da Tatur Turismo e da ABRE - Associação Baiana de Empresas de Receptivo e Gilberto Bastos - Artista Plástico pela disponibilidade de tempo e concessão das entrevistas para essa investigação fornecendo valiosas informações.

Agradeço a Lázaro Assunção e Wilson Badaró – Guias de Turismo da Privêtur; Moisés Messias - Guia de Turismo da Alameda Turismo; Cesar Moreira - Guia de Turismo da Iberoservice e Armando Castro Filho - Guia de Turismo Free-lancer pela oportunidade para que o guiamento dos roteiros fossem objeto de observação dessa pesquisa.

Agradeço a todos funcionários do Programa de Pós-Graduação pelo o apoio, acolhimento e o pronto atendimento às demandas administrativas.

Muito obrigada aos amigos Jailson Braga, Alessander Ferro e, Paolo Biancu pelos estímulos, amizade e companheirismo.

Agradeço o apoio fundamental de Jussara Linhares que profissionalmente foi apontando os erros ortográficos e de concordância orientando para o trabalho ficar o mais próximo possível das exigências normativas.

Agradeço a Sérgio Tanure, ex- aluno, colega e professor pela cooperação e discussões na construção do projeto dessa dissertação.

Muito obrigada Elenice Silva, funcionária da GirardiTur, que colaborou para me dedicar a construção desse trabalho. Agradeço a Maria das Dores Barreto, ex-aluna pela digitação de uma das etapas desse trabalho.

Muito obrigada a todas essas mentes e mãos que me apoiaram e ajudaram a criar condições de viver esse desafio gratificante, uma experiência da maior importância que impacta em todos os sentidos de nossa vida.

Agradeço o Professor Dr. Júlio César Lobo que ao deixar essa função, me permitiu ser contemplada com uma orientação focada nas etapas da pesquisa, na composição da dissertação e, menos nas minhas limitações ou na identidade e aderência da orientação com o tema.



“ O comportamento humano é simbólico.  
Vivemos num universo de palavras.  
De palavras são feitos os mitos  
e os preconceitos  
de acordo com os quais  
pautamos nossas ações,  
atitudes e até nosso gosto.  
Mas veja bem a palavra não è  
a coisa ou a pessoa  
que ela designa,  
assim como  
o mapa não é o território  
que representa.”

Érico Veríssimo

## RESUMO

Esta dissertação examina sob a ótica da sustentabilidade as relações entre a cultura e o turismo no Centro Histórico de Salvador- CHS. Foi realizada com o método qualitativo, usando instrumentos de observação participante no estudo de caso: roteiro turístico do CHS. Complementadas com entrevistas com os representantes de segmentos do CHS como agentes e guias de turismo e os fóruns oficiais e privados da cultura e do turismo. A pesquisa analisa os elementos dessa relação, as implicações e as demais interações com o cenário levando em conta as dimensões do ambiente ecológico, social e o econômico. As quais condicionam o turismo e são compreendidas como bases do cenário cultural. No resultado dessa investigação destacam-se: primeiro, que o discurso constante nas políticas públicas não inclui em seu bojo a percepção sistêmica da atividade de roteiro turístico, e nem como elemento estratégico. Para o governo do Estado o roteiro é uma construção com dimensão unicamente privada e, por isso, não tem escopo no planejamento. Essa ausência impede o estabelecimento de parâmetros de sustentabilidade para a relação sistêmica da cultura e turismo. Em segundo, o Pelourinho é consumido como espaço simbólico da cultura negra e indígena e, nisso está presente tanto a gloriiosidade quanto a contradição. A imagem que o senso comum tem do CHS é de ser um lugar não periférico e, por isso guarda e valoriza a cultura afro-descendente e a indígenas miscigenadas como bens globalizados. Os quais são decorrentes da trajetória de exclusão do sofrimento e da luta desses povos e, hoje alcançaram vínculos em diversos horizontes. E essa marca foi reforçada recentemente, em nome do desenvolvimento advindo do turismo, que manteve essa população ausente dos benefícios da revitalização do CHS. Nessa relação, o roteiro do CHS passeia no Pelourinho como um lugar dinamizado pelo acaso social que lhe resignificou e, se somaram as ordens e edificações religiosas já presentes. Terceiro, o turismo ainda não flui como sistema e, suas relações com o ambiente são fragmentadas, míopes e se conduzem sem gestão sistêmica necessárias para atingir os resultados no turismo. As ações nessa esfera são políticas públicas para produções culturais a serviço da imagem mercadológica da cidade, como destino ideal com vistas a ações de desenvolvimento estratégico para o Estado. Essa realidade tem sido incapaz de estabelecer bases de sustentabilidade para as ações individuais e coletivas na relação cultura e turismo. E por último, as imagens dessa relação estão servindo mais como barreira para a contemplação dos bens simbólicos do que para a sua valorização e desenvolvimento. O cenário mostra um ambiente social frágil que induz o turista a não voltar para dar continuidade ao consumo de contemplar o patrimônio turístico do CHS. Essa pesquisa dá alguns indícios do processo de redução crônico nas possibilidades de produzir recursos e meios para criar o desenvolvimento sustentável dos bens turísticos de CHS.

**Palavras-chave:** roteiro turístico. guia de turismo. agência de viagens e turismo. centro histórico. sustentabilidade da relação cultura e turismo. interpretação do patrimônio histórico. planejamento turístico. consumo turístico. condicionantes do turismo.

## ABSTRACT

This dissertation examines under the optics of the sustainability the relations between the culture and the tourism in the Historical Center of Salvador CHS. It was carried through with the qualitative method, using instruments of participant comment in the case study: tourist script of the CHS. Complemented with interviews with the representatives of segments of the CHS as agents and guides of official and private tourism and forums of the culture and the tourism. The research analyzes the elements of this relation, the implications and the too much interactions with the scene leading in account the dimensions of the ecological, social environment and the economic one. Which conditions the tourism and they are understood as bases of the cultural scene. In the result of this inquiry they are distinguished: first, that the constant speech in the public politics does not include in its bulge the system perception of the activity of tourist script, and nor as strategical element. For the government of the State the script is a construction with dimension solely private e, therefore, it does not have target in the planning. This absence hinders the establishment of parameters of support for the sistêmica relation of the culture and tourism. In second, the Pillory is consumed as symbolic space of black culture and aboriginal e, in this is present in such a way the gloriiosidade how much the contradiction. The image that the common sense has of the CHS is of being a place not peripheral e, therefore it keeps and it values the culture mix afro-descendant and the aboriginal as globalized goods. Which is decurrent of the trajectory of exclusion of the suffering and the fight of these peoples and, today they had reached diverse bonds in *horizontes*. E this mark was strengthened recently, on behalf of the development happened of the tourism, that kept this absent population of the benefits of the revitalização of the CHS. In this relation, the script of the CHS takes a walk in the Pelourinho as one dynamic place for the perhaps social one that it new meaning , if added the religious orders and constructions already gifts. Third, the tourism not yet flows as system and, its relations with the environment is broken up, myopic and if they lead without system management necessary to reach the results in the tourism. The actions in this sphere are public politics for cultural productions the service of the marketing image of the city, as ideal destination with sights the action of strategical development for the State. This reality has been incapable to establish bases of support for the individual and collective actions in the relation culture and tourism. E finally, the images of this relation are serving more as barrier for the contemplation of the symbolic goods of what for its valuation and development. The scenario shows a fragile social environment which induces the tourist not to be turned to give continuity to consumption d' to consider the tourist inheritance of CHS. This research of some indications of the process of reduction chronic in the possibilities of producing resources and means to create the bearable development of the tourist goods of CHS.

**Word-key:** tourist script, guide of tourism, travel agency and tourism, historical center, sustainability sustainability of the relation culture and tourism, interpretation of the historic site tourist planning, tourist consumption, environments of the tourism.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1.1 - Contexto da Cultura para o Turismo.....	52
--	----

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1.1 - Indicadores Básicos de Turismo Sustentável.....	29
Tabela 1.2 - Variação da população residente em Salvador 1982 – 2001.....	51
Tabela 1.3 - Renda em salários do Chefe de família 1991 – 2000.....	51

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABAV -	Associação Brasileira de Agencias de Viagens
ABRE -	Associação Baiana de Agências de Receptivo Internacional
ACBEU -	Associação Cultural Brasil Estados Unidos
ACOPELÔ -	Associação dos Comerciantes do Pelourinho
ANVISA -	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
AVAP -	Associação dos vendedores ambulantes do Pelourinho
BAHIATURSA -	Empresa de Turismo do Estado da Bahia
BFB -	Balé Folclórico da Bahia
BID -	Banco Interamericano de Desenvolvimento.
CH -	Centro Histórico
CHS -	Centro Histórico de Salvador.
CICATUR -	CICATUR - Centro de Capacitação para o Turismo da OEA
CNPJ -	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CONDER -	Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia
CRIANÇARTE -	Projeto Educacional da Cantina da Lua
DELTUR -	Delegacia de Policia para o Turismo
DIRAC -	Diretoria Assuntos Culturais do IPAC
EMBRATUR -	Instituto Brasileiro de Turismo
EMTURSA -	Empresa de Turismo de Salvador
FAPESB -	Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado Bahia
FG -	Fundação Getúlio Vargas
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH -	Índice de Desenvolvimento Humano
IDS -	Índice de Desenvolvimento Social
IPAC -	Instituto de Proteção do Acervo Cultural da Bahia
IPHAN -	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IUCN -	The World Conservation União- União Mundial da Natureza
MEC -	Ministério da Educação
MTUR -	Ministério do Turismo
MONUMENTA -	Programa de Preservação do Patrimônio Cultural Urbano
OEA -	Organização dos Estados Americanos

OMT -	Organização Mundial de Turismo, nome da World Tourism Organization
ONG -	Organização Não-Governamental.
PDITS -	Plano Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
PELÔ -	Forma de uso do senso comum para o Centro Histórico de Salvador.
PRODETUR -	Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste
PRODETUR II -	Planos de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável para os Pólos de Turismo – Região Nordeste
PNMT -	Programa de Municipalização do Turismo
S.C.T -	Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia .
SET -	Secretaria Estadual de Trânsito da Bahia
SEMUR -	Secretaria Municipal de Reparação
SENAC -	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SINGTUR -	Sindicato de Guias de Turismo do Estado da Bahia
SISTUR -	Modelo Teórico do Sistema Turístico de Mário Carlos Beni
SUINVEST -	Superintendência de Investimentos em Pólos Turísticos
UH -	Unidade Habitacional
UFBA -	Universidade Federal da Bahia
UNEB -	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO -	Organização das Nações para Educação a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPITULO I .....</b>	<b>19</b>
1.1 CULTURA E TURISMO SUSTENTÁVEL.....	19
1.2 O USO DOS BENS CULTURAIS.....	34
1.3 RELAÇÕES ENTRE CULTURA E TURISMO .....	40
1.4 O INDIVÍDUO NA CADEIA PRODUTIVA .....	43
1.5 ELEMENTOS IDENTITÁRIOS.....	46
1.6 SUSTENTABILIDADE E TENSÕES.....	48
<b>CAPITULO II.....</b>	<b>54</b>
2.1 ESTRUTURA, FUNÇÃO E SIGNIFICADO .....	54
2.2 A EXPERIÊNCIA DA VIAGEM COMPARADA AO BEM PATRIMONIAL.....	57
2.3 A OPERACIONALIZAÇÃO DO ROTEIRO.....	63
<b>CAPITULO III .....</b>	<b>75</b>
3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	75
3.2 PROCEDIMENTOS.....	76
3.3 O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO .....	81
<b>CAPITULO IV.....</b>	<b>85</b>
4.1 SUJEITOS ENTREVISTADOS .....	85
4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE .....	86
4.3 ANÁLISE DAS CATEGORIAS.....	87
4.3.1 Imagens da cultura no CHS.....	87
4.3.2 Imagens das políticas públicas no roteiro do CHS.....	115
4.3.3 Imagens das relações mercadológicas no roteiro do CHS .....	142
4.3.4 Imagens das relações ambientais no roteiro do CHS .....	150
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	169
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>178</b>
<b>APÊNDICE A - O Roteiro Turístico no Centro Histórico de Salvador-CHS.....</b>	<b>184</b>
<b>APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido .....</b>	<b>225</b>
<b>APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido.....</b>	<b>226</b>
<b>APÊNDICE D – Termo de consentimento livre esclarecido.....</b>	<b>227</b>
<b>APÊNDICE E – Carta de oficialização da solicitação de pesquisa.....</b>	<b>228</b>
<b>APÊNDICE F – Carta de oficialização do pedido de investigação .....</b>	<b>229</b>
<b>APÊNDICE G - Autorização para reprodução .....</b>	<b>230</b>
<b>ANEXO A – Localização do Centro Histórico de Salvador, Pelourinho .....</b>	<b>231</b>
<b>ANEXO B - Mapa do percurso Turístico no Centro Histórico de Salvador.....</b>	<b>232</b>
<b>ANEXO C – Agenda cultural do CHS, dezembro 2000.....</b>	<b>233</b>
<b>ANEXO D – Agenda cultural do CHS, o Pelourinho de janeiro 2006.....</b>	<b>234</b>
<b>ANEXO E – Folheto promocional distribuído em feiras e aeroportos, em 2000.....</b>	<b>235</b>
<b>ANEXO F – Folheto promocional, distribuído em feiras e aeroportos em 2000 .....</b>	<b>236</b>
<b>ANEXO G - Preêminência do Tema .....</b>	<b>237</b>



## INTRODUÇÃO

Esta investigação parte do pressuposto indicado em pesquisa publicada pelo Governo do Estado (FGV, 2002 *apud* PDTIS, 2006, p.352) que aponta o percentual de 91% dos atrativos efetivos de Salvador como provenientes do âmbito cultural e, destes 21% é decorrente de manifestações culturais e os demais 70% são relativos ao patrimônio histórico e cultural da cidade. Isso indica que os movimentos de turismo para Salvador ocorrem em grande parte pela sua força cultural. E, o Centro Histórico de Salvador - CHS, o Pelourinho ocupa o lugar principal, e aparece como expoente do conjunto patrimonial porque concentra a maior parte desses atrativos, o que lhe confere importância real além de destaque internacional. Trata-se de um lugar aceito e definido na relação cultura e turismo como um dos conjuntos com atrativos culturais mais fortes da América Latina, sob diversos aspectos.

Nesse cenário do Pelourinho o roteiro turístico do CHS é um serviço oferecido pelas agências de turismo, sua denominação no mercado é de *city-tour* histórico e ou roteiro histórico. Essa ação de exploração desses recursos compõe o quadro de receptivo da cidade de Salvador. Os bens culturais e ambientais do CHS são assim organizados para haver o consumo turístico da cidade de Salvador. E isso ocorre, quando a eles são agregados às facilidades, ou seja, a infra-estrutura geral e específica disponibilizada pelas políticas públicas, privadas e amparadas pelo ambiente social e econômico, além do ecológico. As agências de turismo, ajustam os seus serviços a esses valores culturais e com isso realizam agregados simultâneos para o consumo, constituindo um ato da oferta turística recreativa, o roteiro, para a fruição dos turistas.

Desta forma, ele tem a função de retratar o CHS como conjunto arquitetônico, com seus valores culturais e históricos justificando aos visitantes porque detém o título de Patrimônio da Humanidade, concedido pela Unesco, desde 1985. Essa distinção lhe dá maior significação no mercado de turismo internacional, que é globalizado, e que será tanto mais favorável a potencialização do seu valor atrativo quanto houver o equilíbrio entre seus componentes, acordado como compromisso ético entre o governo e a iniciativa privada.

Dentre os investimentos que o CHS atrai, o lazer e a recreação deveriam fazer parte prioritária dos programas e planejamentos, não somente para gerar emprego e renda, mas

para envolver a comunidade soteropolitana. E o caminho para isso é o uso da criatividade como forma de valorização e, de apropriação coletiva dos bens ali expressos, garantindo um ambiente diversificado que potencialize cada dia mais os significados tanto para a sociedade local, quanto mundial.

É papel do Estado no CHS o fomento e a preservação desses bens culturais. O turismo tem sido o principal responsável para a captação de recursos que viabilize a manutenção, recuperação e preservação dos bens patrimoniais e, também tem sido instrumento de inserção de Salvador no contexto da mídia cultural, turística, política e econômica em abrangência mundial.

Sendo assim é atributo da atividade do turismo o processo de ratificar os valores culturais e de difundir esses bens para o mercado, e principalmente aproximar nos destinos a teia produtiva que norteia os serviços e os atrativos. Esse processo constrói a imagem patrimonial do amálgama que vai desde as manifestações individuais ou coletivas locais até as mais distantes contribuindo para gerar novos aproveitamentos e novas frentes de força para as comunidades.

Nesse processo, se inclui o roteiro do Pelourinho que tem potencial para criar movimentos e impactos na vida local e na experiência das pessoas que vivenciem, *in loco*, o potencial criativo e produtivo do CHS. Isso pode permitir ultrapassar ou mesmo reforçar os estereótipos mas, o aspecto mais positivo dessa situação são as condições de exploração dos roteiros que podem gerar sinergia e interpretações para decodificar o significado histórico e social destes espaços e, isso se torna um processo de novas possibilidades se forem somadas as experiências dos visitantes.

Então, o roteiro turístico no Centro Histórico de Salvador, tem o papel de traduzir para os fluxos de turismo o contato com elementos que, identificam conhecimentos, que foram se acumulando ao longo da história de evolução social do povo brasileiro. Foi a partir do espaço onde se localiza o CHS que foram se somando, se alastrando e, criando a identidade brasileira. Primeiro com os nativos depois com os colonizadores, a seguir com os africanos e assim com todos os povos que migraram para cá e se mesclaram formando a uma das riquezas

do Brasil. Essa mestiçagem foi gerando características culturais diversificadas e singulares ao homem da Bahia, do nordeste e do País.

Devido à importância do Pelourinho para a cultura e o turismo brasileiro, priorizamos investigar o roteiro histórico de Salvador, também chamado de roteiro turístico do CHS, ou roteiro histórico do CHS ou ainda roteiro do Pelourinho. Ação que é realizada por agências de turismo local com participação de guias de turismo, profissionais credenciados pelo MTUR com patente regional para exercer o guiamento na capital soteropolitana e em seu entorno. Isso significa que mesmo as empresas de fora, por norma positiva, precisam contratar os serviços das agências locais para disporem de guia de turismo local, se quiserem realizar roteiros em Salvador ou seu entorno.

Nessa investigação, esse cenário do serviço de receptivo ao turismo de Salvador, ficou evidente a necessidade de analisar o discurso do governo estadual para a relação cultura e turismo, e também das agências de turismo além do desempenho dos guias de turismo e de representantes da cadeia produtiva do CHS. Com isso haveria elementos para avaliar a sinergia existente no conjunto de segmentos públicos e privados que formam o CHS.

Ressaltando que os serviços são partes da operacionalização do turismo e, juntos compõem o receptivo de Salvador identificado com o nome de *facilidades* na pesquisa de satisfação da Bahiatursa *apud* (PDITS, 2006, p.55) parte deles tiveram resultados inversamente proporcionais a sua importância, como o serviço de guia de turismo que obtiveram escores bem baixos 8,8%; o conjunto de receptivos obteve 12,2% e os roteiros oferecidos em Salvador receberam uma nota de 27,1%. O aspecto do receptivo com a melhor colocação foi à hospitalidade que chegou aos 80%, o que mostra que a cordialidade e a delicadeza dos atores que atuam nos diversos postos do turismo baiano é um patrimônio cultural muito valorizado.

No primeiro capítulo, desvenda os potenciais da relação entre cultura e turismo, objeto dessa pesquisa, e traz a fundamentação teórica dessa investigação com o conceito de cultura, turismo e de sustentabilidade. Traz a mostra os aspectos do roteiro como ocorre no CHS e importância dele ser percebido como um bem comum, formado por elementos identitários coletivos e estruturado para gerar atratividade e riquezas, mas também se depara com tensões

e, o equilíbrio depende de gestão pública que ordene os diversos interesses privados e públicos. Dessa forma garantir algum equilíbrio nessa ação de exploração dos bens patrimoniais do CHS ação que estabelece a relação entre cultura e turismo e suas condicionantes.

No segundo capítulo, tem uma síntese da forma como ocorre o roteiro turístico no CHS , indicando a sua estrutura, função e significado, bem como uma análise desse serviço como uma experiência de viagem que o turista realiza. Essa ação pode e deve ser comparada a um bem patrimonial porque tem em si, um valor de consumo e, de apreciação fundamentada no legado histórico-social e cultural deste povo.

O terceiro capítulo é dedicado aos aspectos metodológicos da pesquisa. Apresenta seus sujeitos e fontes de informações, a forma da coleta de dados e a descrição do roteiro, seu percurso e seus atores.

O quarto capítulo compreende a análise dos resultados, onde as entrevistas foram categorizadas em imagens da cultura, imagens das políticas públicas, imagens das relações mercadológicas e imagens das relações ambientais do roteiro turístico. Nesse capítulo são citados trechos do discurso do Estado sobre a relação cultura e turismo, dos guias de turismo, das agências de turismo, dos profissionais, entidades e organizações.

**G03:** A maioria das agências não faz nada para buscar melhorar os problemas do Pelourinho, elas cuidam dos seus negócios, e voltaram os assaltos, principalmente à noite, e mais ainda nas terças feiras. E, isso tudo vai acontecendo de forma cumulativa e, vai ficando como se fosse parte natural do CHS. O que não atinge à empresa diretamente, os agentes pouco se preocupam. Os papéis que eles deveriam exercer não o fazem, e assim o ambiente para o turismo no CHS não melhora. Nada é feito para que a cidade tenha maior receptividade, para que existam serviços melhores e, para melhorar a qualidade do turismo [...] Tem muita informação que é perdida, não chega para o turista, e poderiam ajudá-los. Os comerciantes deveriam organizar isso, deveriam criar meios para os turistas terem maior acesso as informações. E isso poderia também ser um trabalho de cunho social, feito por aquela população carente dali, como haviam antes os guias mirins. Feito o roteiro do CHS o turista para conhecer mesmo precisa retornar outras vezes e conhecer a Fundação Jorge Amado, o Museu Afro e todo o acervo dali, ir assistir ao espetáculo do Balé Folclórico da Bahia e tantas outras coisas. O roteiro mostra o Pelourinho de uma forma geral os principais pontos em linhas gerais. A forma como postos de informações se inserem não facilitam o acesso aos turistas. Os quais acabam perguntando a quem passa na rua, ou para um policial que por mais boa vontade que tenham não possuem formação para o desempenho dessa função [...].

Assim aspectos como circulação, acesso a informação, articulação entre os atores do processo e segurança são elementos aí destacados para serem revistos na gestão daquele espaço e, que ajudam a valorizar o cenário e, o acesso aos bens culturais do CHS e, são parte do serviço primordial e tão importante como às comunidades locais e, do entorno, assim como a frequência da população soteropolitana.

**AG01:** No início a programação do Pelourinho Dia e Noite atraiu à atenção dos jovens que freqüentaram porque estavam interessados em conhecer o Pelourinho e prestigiavam a programação musical e artística que era intensa. Eram jovens de todos os bairros, e principalmente daqueles considerados nobre como Graça, Barra, Ondina, Caminho das Árvores, Pituba e outros. Mas isso durou muito pouco, logo veio outra novidade que foi o Aeroclube que acabou atraindo o público do CHS, como tinha facilidade de estacionamento e era algo novo acabou se firmando. Hoje, não se vêem esta nobreza freqüentar nenhum dos excelentes restaurantes, bares e programações artísticas do *Pelô*. Os estacionamentos chegaram atrasados e, no início as opções eram muito restritas e, agora pesa cada dia mais a falta de segurança e, a forma como são feitas as abordagens que assustam muito além de parecer perigoso. E, virou um lugar para a população das periferias e, da comunidade afro baiana, um lugar para ser mostrado aos parentes que visitam os soteropolitanos, um lugar popular onde a população mais abastada, não freqüenta.

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fomento aos estudos e a implementação de estatísticas no espaço do CHS, é uma necessidade premente para ampliar o conhecimento das variáveis que interferem no Pelourinho, equando CHS. Levantar elementos para conhecer os diversos aspectos da cultura e as demais condicionantes na relação com o turismo local. Conhecer as atitudes, o

comportamento, os interesses de visitantes e dos visitados. Mapear e detalhar o processo de consumo sensorial do CHS. Ter clareza metodológica das forças e fraquezas do ambiente, dos fluxos e seus impactos. Evoluir para ações com competência entre hospitalidade e resultados econômicos voltados para criar benefícios para a população local, prioritariamente.

Não há ainda informações confiáveis desses processos de receptivo, seus aspectos interiores e exteriores e seu funcionamento, aperfeiçoamento e tomada de decisões tanto para políticas públicas quanto privadas. Faltam análises livres de serem tendenciosas e comprometidas que sirvam para conhecer o fenômeno do turismo e sua relação com a cultura. Não há estudos que identifiquem tendências, direções, inovações e novas tecnologias para potencializar a exploração adequada e para garantir o consumo sustentável desses bens.

Há desconhecimento geral, e não é vulgarizado quanto significa os resultados sociais que a atividade do turismo tem por princípio estimular e produzir. Também, porque não há inclusão de dinâmicas estratégicas para elevar a qualidade de vida da população receptora. E nem há programas de criação de oportunidades de inserção produtiva e estímulo para pequenos empreendimentos. Enfim, não há gestão de turismo no espaço do CHS e nem ações integradas para obter resultados para comunidade. A população sobrevive com trabalhos informais com baixo impacto em sua qualidade de vida, dado que aparece no índice local de desenvolvimento humano, o IDH. E, é esse o índice mais adequado na atualidade para medir esses resultados e fundamentar avaliações dos investimentos públicos para o turismo, e que na atualidade identificam o CHS como local abaixo do mínimo básico

Ter esse índice como medida de rendimento do turismo para os investimentos públicos realizados, é uma sugestão desde que acrescida de estudos que categorize os impactos para os diferentes estágios que sustentam ou não a relação cultura e turismo, e as demais condicionantes. Substituindo as atuais medidas economias da atividade do turismo.

Por exemplo, no CHS, essa investigação encontrou dados que mostram que a população mais humilde foi marginalizada, e para o seu lugar vieram usufruir dos investimentos públicos, os que estavam fora, os que não construíram o CHS como atrativo turístico. E, passados mais de uma década dessa transformação de uso do espaço, a maior parte já deixou os casarões sem nenhuma manutenção, e desses uma parcela significativa encerrou os seus negócios. A

população que foi alijada de viver ali, de participar e de usufruir ainda permanece a espera de reflexos econômico e social dos volumosos investimentos despendidos na revitalização do CHS. São necessários estudos para dimensionar isso em medidas de rendimento social.

Como a atividade do turismo, é participativa, sistêmica e interdependente, conclui-se que a gestão empregada nessa revitalização, não atendeu a nenhuma premissa teóricas de planejamento para o turismo, dentre elas o envolvimento comunitário e a construção dos processos via planejamento participativo, como forma de garantir desenvolvimento contínuo para a comunidade receptora, que detém o poder de se apropriar e ajudar a preservar.

Nesse contexto o roteiro turístico que atende a grande parte da demanda que chega ao CHS, também atua como se desconhecesse que esse fluxo foi estimulado por ações mercadológicas desenvolvidas também com investimento público. E, na Bahia essas ações ainda recebem o estratégico reforço feito no discurso das grandes promoções e expressões culturais, seja do ambiente da música, da performance, da percussão, da capoeira, dos artistas plásticos, da dança, entre outros.

Assim grandes partes dos que chegam ao CHS não o fazem pela agência de viagens X , Y ou da associação A ou B, ou da empresa H, todas se apropriam da demanda que foi estimulada com dinheiro público. Se a hotelaria gera emprego, ela tem a contrapartida de se beneficiar diretamente dessas promoções governamentais. As ações do turismo que se realizam em Salvador e entorno tem para si uma carga de responsabilidade para com o universo social e ambiental do CHS, e isso requer vulgarização. De desconhece quanto esse uso do Patrimônio da Humanidade e cenário impacta em resultados efetivos? E, esses resultados quando conhecidos são parte da indicação de sustentabilidade no uso da cultura, como atrativo.

O CHS com seus significantes e significados produzidos por diferentes etnias dependentes de gestão pública para otimizar a exploração desses bens em processos coletivos de uso e para garantir um retorno ao ambiente de benefícios, via planejamento estratégico. Assim, não importa se estiver dentro ou fora do CHS. Todos que se beneficiam dos fluxos turísticos tem vínculo de obrigação social com o CHS. Há que prover uma contrapartida de cooperação para manutenção e preservação do CHS livres dos que se apropria como “donos” leigos e comprometidos. Assim, para caracterizar essa obrigação basta que os fluxos de turistas que

lhes consomem serviços ou produtos tenham Salvador como destino de visitação. Com base nessa premissa, os empreendimentos públicos e privados que se encontram num raio médio de 200km de Salvador usam a atratividade do CHS e, se beneficia dos fluxos de turista o que se sugere que participem e tenham ciência do compromisso social da gestão do CHS.

O CHS depende de participação e engajamento coletivo para preservação do seu ambiente que é um dos mais radicais da cultura brasileira e, do ritmo da sua comunidade que não é branca e nem preta é sim, multicolorida e, perceber essa diversidade cultural como plural e diversificada, também é parte da ação sustentável do CHS que deve integrar o planejamento.

A comunidade do núcleo e entorno do CHS carece de programas que estimulem a sua compreensão e competência para participarem e identificarem os valores criativos a serem evidenciados nas ações de representação simbólica, e na instituição de políticas públicas para a exploração da relação cultura e turismo, como o roteiro. Essa construção ainda espera por planejamento com práticas pedagógicas que lhes orientem nas escolhas mais adequadas juntamente com os especialistas em turismo que tem formação para lidar com a complexidade do turismo, e a interdisciplinaridade que estabelece a relação cultura e turismo.

Nesse quadro, o roteiro representa uma ação da gestão privada usando bens públicos, ou bens comuns. No desenvolvimento disso há interferências e abordagens, de terceiros, que comprometem o direito dos turistas de consumirem e usufruírem sensorialmente os bens patrimoniais que compõem o percurso do roteiro. Esse assédio é constante, e além disso há a manipulação das atenções para as compras sejam na loja X ou Y . E, isso se repete da chegada ao final do percurso, o que faz o roteiro estar comprometido e engessado. O guia diante do contexto participa dentro dos eu arbítrio e faz a sua preleção rotineira. Alguns informam que essa insistência é uma prática para garantir venda e sobrevivência.

Apesar do volume de investimento públicos empregados na revitalização do CHS, nenhuma parcela coube de ações educacionais, inserção social visando com isso à melhoria efetiva da receptividade ao turista. Os relatos indicam curso de inglês para quem não sabe falar português. É esse o público que assedia, grande parte são os ex- moradores no papel de vendedores pedintes ou ambulantes no CHS. As políticas públicas desconhecem a importância da manutenção da população residente para a preservação patrimonial, e também



foram ignorados os programas educacionais contínuos para romper o determinismo e instrumentalizar os públicos fortalecendo suas bases culturais para atuar com turistas.

Quanto ao conteúdo do roteiro há que ratificar o compromisso das práticas privadas de se pautarem pela ética, tanto nos discursos estabelecidos durante a interpretação, quanto no uso do tempo, o traçado do guiamento e principalmente as paradas que dão ênfase aos principais elementos patrimoniais e as compras. Há necessidade de instituir processos mais elaborados e estrategicamente organizados de visitação como condições de sustentabilidade. Os conteúdos, percurso e interpretação precisam ser aperfeiçoados quanto à abordagem da diversidade e suas dimensões tanto sociais quanto culturais. E, ainda falta no roteiro um tempo livre de no mínimo uma hora para livremente circularem e fazerem as compras.

A gestão do estado é ausente das práticas de guiamento, de avaliações técnicas e controles metodológicos. A atividade carece de fomento contínuo na criatividade e aperfeiçoamento da prática interpretativa. É sugerida a instituição de fóruns de discussões e avaliações sistemáticas entre todos os que interferem no roteiro, uma espécie de fórum estratégico de avaliação e aperfeiçoamento, que seja coordenado pelo governo, com metas coletivas geridas pelo Estado. E, a recomendação de eixos básicos obrigatórios com construção coletiva, estabelecidos e institucionalizados como princípios gerais do roteiro no CHS. Uma mudança, que requer treinamentos constantes e, reciclagens periódicas envolvendo guias, agências de viagens e turismo, gestores públicos e todos os segmentos do sistema turístico local.

A atividade do guia, pela autonomia e relevância requer uma formação acadêmica, estruturada e específica como a graduação em turismo, ou em áreas afins, acrescido da exigência de especialização *latu senso* ou *strictu senso* em turismo. E para todos uma carga curricular prática de guiamento com reciclagem periódica, e com avaliações e controles de desempenho processuais relativas ao comprometimento ético com o objeto de seu trabalho, o espaço a cultura e o ambiente natural todos são parte fundamental do patrimônio público que compõe o patrimônio turístico. Esse papel é estratégico na ratificação da imagem local, e sua função é comunicar os atrativos locais estabelecidos no programa recebido da agência de turismo que lhe contrata. Esse poder de comunicação tem limites que são éticos. O guia recebe pelo seu serviço, portanto a atenção e o tempo do turista não dão ao guia o direito de manipular isso para gastos em determinados lugares em detrimento de outros para ampliar seus ganhos. Não

é ética essa atitude, mesmo sendo lícita, frente ao esforço despendido pelo sistema turístico para ter o turista em seu destino. Esse é um limite que precisa ser compreendido por todos os que têm contato com o turista. É um poder de comunicação que carece de estudos e pesquisado para ser melhor gerido e de ordenação legal para limitar os interesses privados frente aos públicos. A função do guia é desempenhada como preposto da agência de turismo, exceto em área geográfica específica e delimitada, como os que são intitulados monitores do CHS.

Carecem estimular estudos e pesquisas para gerar inovações nas dinâmicas exploratórias, como as interfaces dos valores culturais. Incluindo a ênfase ao calendário cultural, e a ampliação das atividades recreativas como estímulo as ações mercadológicas do consumo de lembranças e de artesanato, que gerar impactos no ambiente. E, é esse o papel que a relação cultura e turismo precisam produzir para dar respostas e gerar benefícios à qualidade de vida da comunidade receptora, e ter características sustentáveis.

O turismo em sua relação com a cultura é alimentado por valores de criação coletiva, de caráter interdisciplinar e, seus resultados dependem da congregarização das ações individuais frente às coletivas. É, na criação desses vínculos complexos e comprometidos entre serviços e atitudes de diferentes fontes que residem à força de valoração da singularidade de cada destino. O desafio é organizar e ordenar os interesses como forma de manter encadeado o controle sustentável do CHS.

Almejar esses resultados democráticos dentro dessa complexidade, requer planejamento estratégico participativo, como único meio de implantar a gestão apoiada na mediação entre os interesses públicos e privados que, quase sempre são conflitantes entre si. Todos os segmentos influenciam nas condicionantes desse processo. Seja nas trocas que realizam, seja nas contribuições individuais de todos com a mesma sintonia sustentável para o resultado final. Essa é a condição detectada nessa pesquisa como um árduo exercício de resgate ambiental necessário ao CHS que deve ser assessorado por processos educativos contínuos e por especialistas com implantação para gerar resultados a médio e longo prazo.

Isso significa, um discurso político com base local, com o olhar para e, de dentro para fora incluindo as forças e fraquezas do CHS, o planejamento com prioridade para reflexos da com

a cultura. E, construir instâncias de participação coletiva é um dos maiores desafios, ou seja, o de conseguir respeitar o outro, mesmo que ele esteja num estado civilizatório ou de fragilidade social aquém do básico ideal. Porém, essa é uma face desse processo. Um colaborador que poderá ser fio condutor da inovação em sua simplicidade. A idéia é lidar com o outro na medida de suas possibilidades. Essa é a face mágica da relação cultura e turismo.

Um modelo próprio de planejamento e cem por cento participativos, o único meio de incluir a população nesse processo, e o turismo depende disso. A criação de um ambiente pautado nas relações de dependência e complementação entre pessoas e organizações para prosperidades em decisões coletivas e organizadas. Um esforço para potencializar os benefícios para o elemento humano que ainda circula sem rumo, cotidianamente no CHS, o Pelourinho.

É fundamental compreender o processo de consumo, onde o turista não faz divisão entre cultura e turismo. O olhar e o consumo sensorial se voltam para um todo sistêmico. Isso significa, que bens e serviços compõem uma totalidade formada por valores da ordem social, ecológica, cultural e econômica gerais. Se algo negativo aflora no ambiente visitado, ou num serviço inadequado, isso se homogeneiza com a imagem global do destino e com o cenário.

O turismo, é um todo com diferentes faces de hospitalidade e, quando apresenta problemas não comunicados, cria um ato de incoerência no seu consumo. O destino é que perde a moral frente à expectativa anunciada *a priori* incompatível com a realidade sensorial percebida. O CHS se propaga como ambiente alegre, musical, feliz, com sorrisos e muita festa. Isso passa a ser uma promessa efetiva, não promocional, mas cotidiana e prática, é isso que o turista quer encontrar ali durante o seu consumo cotidiano. A contradição surge entre a expectativa estimulada e a realidade que circunda o turista em seu consumo sensorial e vice versa.

De um lado, altos investimentos em restauro, preservação e, do outro um ambiente social comprometido com gente em estado de miséria absoluta. E, mesmo assim essas pessoas ainda expressam a alegria e a amabilidade para os turistas. Esse atributo cultural é reconhecido como o maior e o mais agradável que é sensorialmente constatado pelos turistas, ou seja, a delicadeza, a tolerância e a cortesia espontânea dos baianos das camadas mais populares que trabalham ou gravitam em torno do turismo fazem um diferencial raro e valioso no mundo globalizado.

Porém, o turista ao perceber os riscos para a sua segurança perde a sensação, o prazer e não realiza a fruição, fica sem sentir o ócio inerente ao ato recreativo do roteiro. No lugar do prazer afloram sentimentos entre compaixão e repulsa. A emoção passa do prazer ao medo, e do incomodo ao pânico. Não há argumento de consolo esse prejuízo moral que ele se percebe inserido. O motor *a priori* foi para desfrutar um destino turístico. Isso significa compromissos públicos assegurados a ele em convenção internacional com a Organização Mundial do Turismo – WTO. Para esse consumo houveram investimentos e escolhas baseadas em discursos turísticos promocionais que falam em nome do destino. O governo é responsável por assegurar que a vulgarização promocional tenha lastro com a realidade vigente.

E questões que abalam a segurança precisam ser vulgarizadas tanto quanto as questões de atratividade. A promoção do destino poder gerar fluxos, e no consumo desse bem não há espaço de devolução, para reclamação posteriores sobre segurança como ocorre em outros serviços. Se há turismo há que haver concomitante a segurança pública e sanitária, assim se houve difusão para o consumo, o governo está desde então responsabilizado. A gestão das diferentes dimensões do turismo cabve ao governo que dirige o Estado.

Se trata de bens difusos, de elaboração complexa que não pdoem se desenvolver em ambientes sociais corrompidos porque isso gera dano moral. Por isso há que ter critério na orientação mercadológica e na construção do produto turístico do destino promovido. É, uma ação pautada em conhecimento e responsabilidade técnica, específica com ética. Acima de tudo há que haver a compreensão de que isso significa compromisso público do governo frente ao turista e do Estado que recebe o turista em seu território.

Dos valores vulgarizados é que partem as orientações para os que vendem destinos. Há que ter domínio sistêmico, e atenção à orientação profissional cujo discurso de venda integra a construção do produto turístico, e o Estado é o responsável pelo discurso do destino, e o empresariado pelo discurso do seu produto individualizado.

O discurso turístico promocional deve ter compatibilidade com o mundo real naquilo que se refere a questões publicas como segurança, vigilância sanitária, preços, atrativos meios de comunicação, de acesso e deslocamento, calendários e atividades recreativas e de entretenimento.

A produção do produto turístico ocorre simultâneo ao seu consumo, e isso significa que a produção finaliza com o turista já instalado no destino, ele já aderiu ao apelo e já investiu recursos quando ele está no destino, o Estado passa então a ter compromisso com o turista.

O CHS está com sérios problemas sociais e de segurança que são crônicos ou históricos, e carecem há longa data de políticas públicas diversas e integradas com segurança inteligente, programas educacionais de médio e longo prazo e participação das três esferas públicas para que seja estabelecido marcos para a gestão pública do CHS enquanto bem comum.

Programas educacionais que estimulem novas formas de uso do CHS, que seja um meio para ampliar o saber da comunidade jovem e cidadã, para isso o CHS carece de ser inserido em atividades oficiais da grade curricular pública e privada entre todos os níveis educacionais. Um calendário de atividades especiais que possa desafiar e envolver o saber entre escolas públicas e privadas que seja apoiado pelos meios de comunicação social da cidade.

Tornar o cenário do CHS um instrumento lúdico além de educativo que sirva para quebrar o distanciamento histórico entre as classes, os bairros e as comunidades. A criação de eventos que trabalhem com o saber, que valorize a integração, incluindo concursos, apresentações, gincanas e outros. Um cenário para ações criativas dos soteropolitanos e moradores das cidades do entorno. Ações no CHS para renovar as formas de percepção patrimonial e de interpretação desses bens abrindo frentes para valorizar a conservação entre os diferentes públicos sociais. Como esquina para compartilhar essa diversidade de olhares criativos.

Criar sinergia com a juventude para interagir com o governo no ambiente que hoje vigora, e só tem vida em alguns eventos. Isso induz a não dar continuidade ao consumo de contemplar o patrimônio turístico do CHS. O caminho mais adequado é a apropriação do CHS através de vínculos com o saber e com a promoção da convivência social harmônica entre as regionalidades que a cidade condensa e que hoje se encontram distanciadas.

Essa pesquisa identificou esses indícios e barreiras presentes na visão, construção e desempenho do roteiro turístico como partes de um processo maior responsável pela redução gradativo das possibilidades de produzir meios e recursos para gerar o desenvolvimento sustentável do CHS.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo. **Aula expositiva de economia da cultura**. UFBA. 2005.

BAHL, M.. A fundamentação do turismo no planejamento de roteiros turísticos in: **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 4. 1989.

BENI, Mário. **Análise Estrutural do Turismo**. 6.ed. atual. São Paulo: SENAC, 2001.

BOYER, M. La Formation Touristique – **Aproches Humaines du problème, in Expansion et formation Touristiques**. Bern: AIEST, 1966.

BOURDIEU, P. Esquisse d'une théorie de la pratique. Geneve: Lib Drog 1972. p.163 Exertos dessa obra incluída na coletânea: **Esboço de uma teoria prática**.

BOURDIEU, P. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CAMPOS, A. **Turismo, teoria, técnica e ambiente**. Madrid: Reys,1977

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: CULTRIX, 1996.

CUELLAR,J. **Nossa diversidade criadora**: relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Campinas: Papirus, 1997.

COOPER, C.; FLETCHER. J.; WANHILL, S.; GILBERT, D.; SHEPHERD, R. **Turismo Princípios e Prática**. 2.ed. Porto Alegre: Bookmann, 2000.

COOPERAÇÃO TÉCNICA GTZ. **Método Zoop**. Eschborn. 197?.

DE KADT, E. **Tourism-Passport to Development**. Perspective on the Sociak and Cultural Effects of Tourism in Developing Countries. University Press for the World Bank and UNESCO, New York: Oxford, 1979.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

EAGLETON, Terry. **A idéia de Cultura** -Temas e Debates.Lisboa: Temas e Debates, 2003.

**FAPESB FUNDAÇÃO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DA BAHIA.**  
Disponível em: <<http://www.fapesb.ba.gov.br/cti/areas-proritarias/apelidododocumento.2005-09-02.0578191711/?searchterm=turismo>>. Acesso em: 17 ago. 2006.

FELLINI, Lourdes. **Turismo Viabilidade e Alternativas.** Porto Alegre: Est, 1981.

FERREIRA, Francisco. **Planejamento Sim e Não.** 3.ed .Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FIORILLO, C.; RODRIGUES, M. **Manual de Direito Ambiental e Legislação Aplicável.** 2.ed. São Paulo: Max Limonad. 1999.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Prostitutas e Mendigos voltam ao Pelourinho.** 15.07. 2007.

FOUCAULT, M. **O Uso dos Prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **The order of things.** Londres: Tavistok, 1970.

FROMM, Erich. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea.** Porto Alegre: Zahar, 1975.

FUSTER, Luiz. **Teoria e Técnica de Turismo.** Madrid: Nacional, 1975.

GAZETA. **Verão Promete Recorde de Turistas Para Bahia:** Salvador: Gazeta do Turismo, 1º quinzena jan 2000, p.10.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **A terceira via:** reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. São Paulo: Record, 2001.

GOELDNER, C.; RITCHIE, J.; MCINTOSH, R. **Princípios, Práticas e Filosofia.** 8.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

GUTIERREZ, Francisco. **Pedagogia para o desarrollo sostenible.** Costa Rica: Heredia. Editorial Ipec-ICEA, 1999.

HALL, C. Michael. **Planejamento Turístico - políticas, processos e planejamento.** São Paulo: Contexto, 2001.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In Silva, Tomaz (org) *Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOUGH, M. **Cities and Natural Process**. Londres e Nova York: Routledge, 1995.

IUCN. World Conservation Union. **Relatório de Indicadores Básicos de Sustentabilidade**. Madrid: OMT, 199?.

JEUDY, Henri-Pierre. **A cidade não é um Museu**. Entrevista Nadja Valdi. Salvador: Jornal a Tarde, 01dez. 2002. p.1.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1989.

LEON. Carmelo. **Natureza em Canárias**. Fundação Universitária: Las Palmas, 2002.

LERNER, Jaime. **A necessidade da escala menor**. São Paulo: Abril, Veja, (589) out. 1978.

LICKORISH, L.; JENKINS, C. **Introdução ao Turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MACEDO, Renato. **Consciência, Percepção e Conservação Ambiental**. Lavras: FAEPE, 2003.

MACHIAVELLI, Anrea. **Modelo de representação do sistema turístico**. Bergamo: Coloquio, 2006.

MAGALHÃES, Elyette. **Orixás da Bahia**. 8.ed. Salvador: EGBA, 2003.

MARTINS FILHO, Ivo. **O princípio ético do bem comum e a concepção jurídica do interesse público**: Quadrante, 2000.

MILLAR ,C.; AITKEN, D. **Conflit resolution in aquaculture: a matter of truste, em Boghen (ed) Coldwater Aquaculture in Atlantic Canada**, 2.ed. Moncton: Canadian Institute for Research on Regional Development, 1995.

MOESCH, Marutska. **A Produção do Saber Turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.



OEA ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Política Continental de Desarrollo Turístico y Estrategia para su Ejecucion**. WASHINGTON, D.C.: CIES, 1979.

\_\_\_\_\_. **Relatório da Comissão Mundial de Cultura**. 2006. p.29.

OMT- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Rocca, 2001.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Braziliense, 2000.

\_\_\_\_\_. Pierre Bourdieu – **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.

PARKER, Stanley. **A Sociologia do Lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PDITS. **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável**. Salvador: SCT, 2006.

PINCARILLO, Patrícia. **O Turismo no Espaço Lusófono: Oportunidades para Cooperação Empresarial in internacionalização em Turismo**. Lisboa: IFT, 2002.

PIRES, M.; BASSO, M. **Marketing em localidades históricas e turismo cultural, turismo em análise** v.4. n.2, São Paulo :ECA/USP, 1993.

PLOG, S. **Why destination áreas rise and fall in popularity**. In: *Tourism destination*. Nova York: The Cornell HR. a .Quartecy, 1974.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; PITOMBO, Mariella; RUBIM, Iuri. **Políticas e Redes de Intercâmbio e Cooperação em Cultura no Âmbito Iberoamericano**. In: Convênio Andrés Bello. *Siete Cátedras para la Integración*. Bogotá: CAB, 2005.

SCT. Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. **Plano Bahia Cultural**, Salvador: SCT, 2003.

SCT. Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. **Relatório de Atividades 2004-2006**. Salvador: SCT, 2006.

SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RGS. **Turismo no RS ações básicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: MRPAN/SIC, 1985.

SESSA, A. **Il turismo nei rapporti internazionali**. Cagliari: Sarda Fossataro: 1968.

\_\_\_\_\_. **Turismo e Política di Sviluppo**. Universitaria Venezia: Università. 1976.

\_\_\_\_\_. **L'imposta di soggiorno in una moderna política del turismo**. Roma: Agnessotti, 1978.

SILVA, Armando. **Canção de Amor a Cidade de Salvador**. Salvador: Odeam, 1987.

SILVA, Clarindo. **Cantina da Lua**, Memórias da Cantina da Lua Salvador: do autor, 2004.

**SINDEGTUR**. Disponível em: <<http://www.sindegtur.org.br/2006/guia.asp>>. Acesso em: 10 fev. 2007.

SMITH, Robert. **As Artes na Bahia** - Arquitetura Colonial. Org. Jose Valdres. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1954

SOUTOMAIOR, A. **História do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1966.

SOUZA, João e SOUZA, Licia. **Turismo sustentável**. Cultura, relações públicas e qualidade. Salvador: SCT, 2002.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental**. Vol. 1. São Paulo: Aleph, 2000.

THEUNS, H.L. **International Tourism In Developing Countries** – Conditions and effects. in: Revue de tourisme. Berna: Aiest. n.3, 1983.

TILDEN, F Freeman. **Interpreting our heritage**. The University of Carolina Press. Chapel Hill, 3.ed. 1977.

TOURAINÉ, A. **The post-industrial society**. Londres: Wildhouse, 1974.

TRIGO, Luiz. **Turismo e Qualidade: Tendências Contemporâneas**. 5.ed. Campinas: Papirus, 1999.

CHOA, Alex. **Banco de Imagens**. 2005. Disponível em:  
<<http://www.pbase.com/alexuchoa/salvador,2005>>. Acesso em: 01 jan. 2007.

**UNESCO**. Disponível em:  
<[http://www.portal.unesco.org.br/noticias/opinião/artigowf/mostra\\_documento](http://www.portal.unesco.org.br/noticias/opinião/artigowf/mostra_documento)>. Acesso em:  
20 fev. 2005.